

Luis Miguel Caridade
Representante da Bancada do Partido Socialista
Assembleia Municipal de Condeixa-a-Nova

Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Senhora Presidente da Assembleia Municipal,
Senhores Vereadores,
Senhores Presidentes de Junta,
Senhores Deputados Municipais,
Senhores Presidentes das Assembleias de Freguesia e membros das
juntas e assembleias de freguesia,
Autoridades Civas, Militares e Religiosas,
Representantes da Comunicação Social,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

“Esta é a madrugada que” eu não vivi

“O dia inicial inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio

E livres habitámos a substância do tempo”

(Adaptado de Sophia de Mello Breyner Andresen, em 'O Nome das Coisas', 1977)

Há de facto poucos dias assim! Dias que representem um momento tão marcante na nossa história, de rotura e de afirmação em uníssono, como o dia 25 de abril de 1974, que hoje, aqui, nesta assembleia, evocamos o seu 45 aniversário.

Foi neste dia que Portugal se libertou de um regime serôdio, pequeno e provinciano, que tolhia o espírito, a mente e o corpo, e que de forma

resignada, afirmava Portugal como um país só, pobre, sem esperança e que tristemente definhava:

- Um país onde uma em cada 25 crianças morria com menos de um ano de idade. Hoje, essa relação é de uma criança em 300;
- Um país onde a esperança de vida à nascença era de 68 anos. Hoje, é de 81;
- Um país onde apenas 1 pessoa em cada 100, frequentava ensino superior. Hoje, essa relação é de 4 em cada 100;
- Um país onde 20 em cada 100 pessoas era analfabeta. Hoje, esse valor é residual, sendo cada vez mais próximo de 0;

Um país que vivia amordaçado por um regime que procurava impor à força, fora e dentro de portas, o obscurantismo, a opressão, o medo, o atraso e a ausência de liberdades.

“Vivemos tantos anos a falar pela calada

Só se pode querer tudo quando não se teve nada”

(Sérgio Godinho, Liberdade, 1974)

Hoje, enquanto a nossa democracia se aproxima a passos largos da meia idade, ressaltam novos paradoxos que nos fazem refletir:

- Se antes a informação e a comunicação era rastreada e censurada pela PIDE, incluindo conversas telefónicas, cartas e telegramas particulares, bem como livros, guiões, filmes e letras de musica de distribuição pública; Se antes a PIDE tinha informadores sem farda que denunciavam de forma anónima e de acordo com o seu livre arbítrio; Hoje vivemos numa sociedade digital, envolta em notícias contruídas para criarem uma perceção travestida da realidade, e pessoas que se

escondem por detrás de perfiz falsos e inimputáveis, procurando dizimar tudo e todos;

- Se antes o nosso sistema de educação e ensino apresentava características autoritárias, intolerantes com os menos capazes e privilegiando o acesso aos que dispunham de maiores recursos financeiros; hoje, vezes de mais, existe um enorme desrespeito por quem ensina e quem educa, existem planos curricular para todas a realidades e diferenças, e onde o acesso ao ensino superior é concedido mesmo que com aproveitamento negativo ou com “vias verde” criadas avulso;
- Se antes a maioria saía da escola cedo para aprender uma profissão e iniciava o seu percurso profissional antes da maioridade, hoje, todos têm que ser “doutores” à força! Estudam até aos 30, e procuram depois apreender uma profissão em contexto de trabalho, algumas vezes bem longe da sua área de formação inicial;
- Se antes tínhamos um estado laico e uma única religião, hoje vivemos com vergonha de afirmar as nossas convicções religiosas e com receio que o fanatismo religioso de outros, possa ser motivo de morte;
- Se antes tínhamos um único partido político e onde 92 em cada 100 portugueses exercia o seu direito de voto; hoje, proliferam partidos “velhos”, antigos e novos, onde apenas 55 em cada 100 portugueses vota;

Esta realidade só se nos coloca hoje, graças à revolução de abril, que nos trouxe a democracia e a liberdade de poder construir um Estado de direito e um novo rumo para um país moderno, aberto à inovação e ao progresso.

Um novo rumo que continua a apresentar desafios novos para gestão dos territórios e da gestão da causa comum:

- Desafios para criar uma gestão mais transparente e de prestação de contas no exercício de cargos públicos;
- Desafios para disponibilizar dados abertos e em bruto, que permitam que outros os analisem e estudem, oferecendo novas dimensões, uma melhor percepção da realidade e suportem a tomada de decisão;
- Desafios para cuidar do acervo documental da nossa história recente, pós monarquia, muitas vezes esquecido em gavetas e sótãos, que nos oferecem um retrato fiel das raízes da nossa identidade contruída nesses anos;
- Desafios para combater o crescente uso de argumentos pouco rigorosos, de forte impacto emocional e populista, que procuram simplesmente agitar a paz social, e como isso, centrar as atenções no que é supérfluo;
- Desafios para aumentar a participação de todos no debate político, que se quer construtivo e consciente em torno das ideias e dos principais projetos de gestão da causa comum. Por isso, incentivar a participação pública através de políticas de abertura e participação na discussão, é um caminho que necessita de ser reforçado e ampliado, contrariando projetos incosequente como o Conselho Municipal da Juventude de Condeixa, criado em 2003, ou mesmo o Orçamento Participativo que se encontra em declínio abrupto e evidente.

Senhor e Senhora Presidente

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Passados 45 anos não restam dúvidas! Por mais imperfeita e incompleta que seja a nossa democracia – como todas as democracias –, é uma democracia, e isso é sempre o mais importante. Por isso, a minha geração não esquece e está agradecida à geração dos meus pais, e a todos aqueles que sofreram as privações da liberdade, resistiram e disseram basta, em nome da nossa liberdade e da liberdade das gerações vindouras.

Tendo iniciado com uma adaptação do poema Liberdade, de Sophia de Mello Breyner, parafraseado um verso de Sérgio Godinho sobre o mesmo tema, termino com um excerto da última intervenção pública conhecida de Francisco Salgado Zenha, por ocasião do seu septuagésimo aniversário, em 1993:

“Não basta que preguemos a amizade, é necessário também merecê-la de parte a parte. Não basta que homenageiem a liberdade, é necessário também respeitarmos os outros nas suas convicções morais e culturais - é isso a tolerância.

Não basta discursarmos sobre a solidariedade, é necessário que a sintamos como uma exigência máxima de humanidade. Solidariedade para com o nosso próximo e, mais do que isso, para com todos os povos do mundo.”

Viva o 25 de abril! Viva Condeixa! Viva Portugal!

Ega, 25 de abril de 2019